

RESENHA

Eurípedes da Conceição

HIEBERT, Paul G., *O Evangelho e a Diversidade das Culturas: um guia de antropologia missionária*, trad. Maria Alexandra P. Contar Grosso. São Paulo, Vida Nova, 1999. 307pp.

Esta obra de Paul G. Hiebert, cujo título original em inglês é *Anthropological Insights for Missionaries*, é uma das mais conhecidas no ramo da antropologia aplicada a missões transculturais. O autor, além de ter lecionado a disciplina durante onze anos em universidades públicas, é também filho de missionários na Índia, onde trabalhou por vários anos.

Baseando-se numa reflexão sobre a sua própria experiência missionária adquirida nos anos em que esteve na Índia, o autor busca oferecer aos jovens missionários “algumas ferramentas básicas para a compreensão de outras culturas e a compreensão de si mesmos ao penetrarem nelas” (pp. 9-10).

A obra está dividida em quatro partes: o evangelho e as culturas humanas, as diferenças culturais e o missionário, as diferenças culturais e a mensagem, e as diferenças culturais e a comunidade bicultural. Na primeira parte, o autor analisa a relação entre missões e antropologia argumentando que as mensagens bíblicas devem ser aplicadas aos distintos contextos culturais. Para tanto, faz-se necessário “unir os abismos” culturais a partir de uma compreensão clara de si mesmo e do povo a quem se pretende servir como missionário (pp. 13-14). O autor relaciona as contribuições que podem ser dadas pela antropologia na compreensão de situações transculturais e apresenta os pressupostos teológicos e antropológicos da tarefa missionária. Por se tratarem de pressupostos diferentes, o autor apresenta uma pergunta-problema: “Como integrar nossa visão teológica e antropológica a respeito do homem?”. O autor ensaia uma proposta de integração das duas visões, lançando mão dos argumentos do modelo holístico de humanidade, que integra as dimensões espiritual, social, psicológica, física, biológica e cultural do ser humano, contribuindo para a tarefa missionária (pp. 16-27), e apresenta as três dimensões da cultura (cognitiva, afetiva e avaliadora), concluindo que o evangelho se relaciona com todas elas (p.34). O autor encerra a primeira parte afirmando que:

“No nível cognitivo, as pessoas devem entender a verdade do evangelho. No nível emocional, devem experimentar o temor e o mistério de Deus. E no nível de avaliação, o evangelho deve desafiá-las a responder à fé (p. 55).

Na segunda parte, o autor aborda o problema das diferentes culturas que vêm o mundo de maneiras distintas, o que torna o choque cultural inevitável. Este choque pode ser lingüístico, mudanças na rotina, relacional e emocional, produzindo efeitos como estresse, depressão e desencanto, os quais podem ser revertidos a partir da compreensão da nova cultura, do desenvolvimento da confiança, da superação dos mal-entendidos, da integração e da identificação cultural (pp. 56-110). O autor discorre sobre os pressupostos culturais dos norte-americanos, apontando os problemas enfrentados por eles ao entrarem em novas culturas, os quais decorrem de suas visões racionalista, materialista, mecanicista e individualista (pp. 111-127).

Na terceira parte, o autor disserta sobre as diferenças culturais e a sua influência sobre os mensageiros e a mensagem (p. 141). Segundo o autor, uma vez que diferentes culturas possuem símbolos lingüísticos diferentes, as idéias devem ser expressas em formas concretas para que haja uma comunicação efetiva entre emissor e receptor (pp.142-147).

Para responder às perguntas: “O que as pessoas devem fazer com seus velhos hábitos culturais quando se tornam cristãs, e como os missionários devem reagir a essas crenças e práticas tradicionais?” (p. 171), o autor aponta para uma contextualização crítica que inclua os pressupostos teológicos da doutrina do sacerdócio universal dos crentes, mostrando que as decisões devem ser tomadas, não pelo missionário no lugar das pessoas, mas por todos os crentes (p. 191), e recomenda o caminho da “ponte teológica”, aplicando as verdades bíblicas ao contexto cultural e não fechando as portas para o diálogo transcultural que permitirá ao missionário o compartilhamento da mensagem do evangelho (pp. 194-225).

Na quarta parte do livro, o autor aborda as diferenças culturais e a comunidade bicultural, afirmando que a comunicação entre culturas diferentes não ocorre no vácuo, mas no contexto das relações sociais. Esta interação entre culturas diferentes ajuda a superar os pontos de tensão (pp. 227-255), levando o missionário a priorizar as relações humanas e não omitir os diferentes papéis associados à sua posição: Deus, esposa, filhos, cristãos nacionais, igrejas, conselho missionário e não-cristãos nacionais. O autor encerra o livro falando sobre o desafio para os novos missionários que terão que lidar com mudanças que trarão novos problemas para as missões cristãs e novas oportunidades (p. 296).

O livro tem muito bom conteúdo, mas não tem uma boa estrutura didática. O autor revela uma deficiência típica de vários escritores americanos que é a de misturar temas complexos (antropologia, comunicação, sociologia) no mesmo pacote, tornando o texto longo e a sua leitura muito difícil e cansativa. Se o autor produzisse um material mais sintetizado, atenderia melhor o seu objetivo.